

AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: Teoria, Prática e Novos Paradigmas

EVALUATION IN PHYSICAL EDUCATION: Theory, Practice and New Paradigms

Francisco Edson Pereira Leite

Secretaria Educação, Cultura e Desporto de Roraima-SECD
Faculdades Cathedral de Ensino Superior

RESUMO

O objeto de estudo abordado pelo presente artigo é a Avaliação nas aulas de Educação Física. Esta investigação partiu da seguinte situação problema: como os conteúdos teóricos e práticos vêm sendo desenvolvidos e como os alunos são avaliados nas aulas de educação física do 6º ao 9º ano do ensino fundamental? Tendo como objetivo identificar possibilidades que permitam a avaliação do aluno por meio do desenvolvimento de conteúdos teóricos específicos da área de conhecimento da educação física associados com as atividades práticas já tradicionais dentro das aulas deste componente curricular. Para tanto foi necessário conhecer a representação da educação física dentro da escola; analisar os avanços históricos deste componente curricular; relacionar os conteúdos trabalhados nas aulas; investigar e analisar a visão de alunos e professores sobre esta temática. Os procedimentos metodológicos adotados nesta investigação partiram de uma revisão bibliográfica, seguida da análise e interpretação deste referencial teórico. Foi também elaborado um questionário de perguntas abertas, aplicado a alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Boa Vista – RR, sendo uma destas da rede pública estadual e a outra da rede particular de ensino. E outro questionário aplicado um questionário com os respectivos professores de educação física das escolas.

PALAVRAS-CHAVE:

Avaliação, Educação Física, Teoria, Prática, Paradigmas.

ABSTRACT

The subject matter addressed by this paper is the evaluation in physical education classes. This research was based on the following problem situation: as the theoretical and practical contents have been developed and how students are evaluated in physical education classes from 6th to 9th grade in elementary school? Aiming to identify possibilities for the evaluation of the student through the development of theoretical content knowledge specific to the area of physical education activities associated with the traditional practices within the

classroom component of this curriculum. Therefore it was necessary to know the representation of physical education within the school, analyze the historical developments of this curricular component, list the contents worked in class, investigate and analyze the perspective of students and teachers on this issue. The methodological procedures adopted in this investigation started from a literature review, followed by analysis and interpretation of this theoretical framework. It has also developed a questionnaire of open questions, applied to students from 6th to 9th grade in elementary education at two schools in the city of Boa Vista - RR, one of these public schools and the other private schools. It also answered a questionnaire with their physical education teachers in schools.

KEYWORDS:

Evaluation, Physical Education, Theory, Practice, Paradigms.

INTRODUÇÃO

Quando nos referimos às aulas de educação física na escola naturalmente relacionamos esta disciplina às atividades práticas com predominância na vivência de esportes. E se observarmos, mesmo que empiricamente, o contexto da educação física escolar perceberemos que, embora existam as particularidades de cada realidade, mesmo assim é possível identificar diversos aspectos comuns no ensino da educação física independente do contexto sócio histórico cultural e econômico no qual está inserido.

É possível notar que de um modo geral existem professores puramente práticos, podendo estes adotar uma postura mais tecnicista, Bracht (1992, p.57), afirma que,

Há professores que pensam e agem de acordo com a visão biológica, onde a disciplina tem o objetivo de melhorar a aptidão física dos indivíduos. Outros agregam a visão biológica à questão psicológica, denominando de “biopsicologia”, onde além de melhorar a aptidão física, a Educação Física atua sobre os domínios psicomotor, cognitivo e afetivo.

Existem também aqueles professores que por falhas na estrutura física ou material se limitam em observar as práticas livres dos alunos na quadra, além daqueles docentes que se prendem excessivamente às aulas teóricas, seja abordando temas extremamente metódicos sem relação com a realidade dos alunos, e outros que conciliam de forma competente as teorias com o interesse dos discentes. Isto reflete a percepção de Bernardi & Krug (2008, p. 89) ao defenderem que,

Na sua prática pedagógica é que o professor de Educação Física traz à tona os diferentes saberes, da formação profissional, curriculares e disciplinares, bases importantes, que conjuntamente com o seu desenvolvimento profissional venham a ter relação com os saberes que constrói da sua prática diária, objetivado através das estratégias que este estabelece para tratar dos seus conteúdos, na relação com seus alunos, nas concepções de ensino que adota, na influência dos programas pedagógicos da escola nas suas aulas, enfim, tudo que influencia o contexto micro do professor.

O presente artigo não se propõe a condenar as aulas teóricas de educação física e muito menos as aulas práticas, na verdade o problema de pesquisa aqui abordado é como os conteúdos teóricos e práticos vem sendo desenvolvidos e como os alunos são avaliados nas aulas de educação física do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

O objetivo deste trabalho é identificar possibilidades que permitam a avaliação do aluno por meio do desenvolvimento de conteúdos teóricos específicos da área de conhecimento da educação física associados com as atividades práticas já tradicionais dentro das aulas deste componente curricular. Para tanto é necessário conhecer a representação da educação física dentro da escola; analisar os avanços históricos deste componente curricular; relacionar os conteúdos trabalhados nas aulas; investigar e analisar a visão de alunos e professores sobre esta temática.

O procedimento metodológico utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa partiu da revisão bibliográfica sobre o contexto da educação física escolar em seus diferentes aspectos. No segundo momento foi feita a pesquisa de campo, com a aplicação de questionário em duas escolas da cidade de Boa Vista capital do Estado de Roraima, sendo uma destas da Rede Pública Estadual e a outra da Rede Particular de Ensino.

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: O QUE É ISSO?

Tradicionalmente a educação física nas escolas sempre foi concebida como uma disciplina essencialmente prática, com pouca ou nenhuma relação com o desenvolvimento intelectual, também por isso, este componente curricular sofre com o preconceito tanto de alunos que, embora adorem o horário da aula de educação física, pouco valorizam o que podem

aprender com as aulas; quanto dos colegas professores de outras disciplinas, os quais chegam a classificá-la como disciplina secundária.

Acreditar que estas aulas se limitam à educação do físico seria muita ingenuidade, pois como afirma Braga (2011, p. 01) acredita-se que a Educação Física perde seu papel exclusivo de educar o físico, como o nome sugere, e passa a dar valor à educação em todos os níveis, preparando para a vida em sociedade, preocupando-se com a formação integral do aluno dentro e fora da escola. Afinal não se pode desprezar as relações de ética, valores, moral, cidadania e outros aspectos que compõem uma sessão de educação física, mesmo que tudo isto faça parte de um currículo oculto.

Porém existem ainda aqueles que insistem numa visão de educação pelo físico, que conforme a contestação de Cunha (2009, p. 01) é um conceito parcialmente correto, pois nessa disciplina realmente ocorre um desenvolvimento educacional do aluno. Além disso, não seria somente o físico o responsável pela educação, e sim a reflexão intelectual que ocorre no momento da atividade física.

Logo, não seria exagero afirmar que esta é uma área do conhecimento que se prende à totalidade do ser humano, ou seja, suas relações com o meio e seus semelhantes tendo como diferencial o movimento, envolvido por fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais.

Outra característica marcante das aulas de educação física é a habilidade de desconstrução, notavelmente o que se percebe é uma desordem que obedece (ou pelo menos deveria) uma ordem natural. Enquanto que na sala de aula o aluno está preso a cadeiras, mesas, paredes e outros limitadores, no espaço da educação física o primeiro o estímulo que temos é o da libertação. Na concepção de Soares,

Crianças e jovens quando chegam à escola (desde que não possuam nenhuma deficiência mental) andam, correm, saltam. Os atos de andar, correr, saltar, são atos da vida diária, da vida em sociedade, são traços da cultura que já inscreveu nos corpos estas ações. Todavia, estes atos da vida diária foram codificados ao longo da história do homem em universos de saber: técnico, científico e cultural. (1996, p. 07)

Partindo desta observação, evidencia-se a importância das sessões de educação na escola, pois, como podemos concluir, o movimento faz parte da essência humana. Portanto, não seria justo privá-los deste direito. Na afirmação de Catunda (2001, p. 03), a essência do movimento na escola é a possibilidade do caráter de contributo ao que denominamos educação do humano. Assim, entendemos não existir educação onde o corpo é negado.

Neste caso, negar o corpo, significa desumanizar o aluno, tirar dele o direito de exercer suas relações com o mundo exterior, por meio de sua corporeidade, que de acordo com Morin (1979, p. 19) nos permite compreender que somos animais da classe dos mamíferos, da ordem dos primatas, da família dos homínidas, do gênero homo, da espécie sapiens.

A LENDA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: CAMINHOS E DESCAMINHOS DE SUA PRÁTICA

Inicialmente a Educação Física surge com uma tendência higienicista fortemente influenciada pela área médica e sob um regime militar, ficou caracterizado pelos métodos europeus que aqui eram implantados, todos estes com características mecânicas de repetição de movimentos. Nessa perspectiva, Oliveira afirma que,

São duas as grandes áreas de influência: a médica e a militar. A primeira tendência, por intermédio de diversas teses da Faculdade de Medicina, onde o tema era a Educação Física. A segunda, a partir de 1858, onde o exercício físico tornou-se obrigatório nas Escolas Militares, o que acabou servindo como meio de divulgação das atividades físicas. Essas duas tendências marcaram, historicamente, a evolução da Educação Física brasileira. (2004, p. 24.)

Esta relação estreita da Educação Física com as práticas esportivas, e muitas vezes gera uma confusão entre estas áreas e se deu a partir da década de 60 quando começou a ser implantado um novo método, baseado no desporto generalizado. Oliveira (2004, p. 27.) afirma que, até a década de cinquenta, a Educação Física escolar continuou aprisionada ao Método Francês. O professor Alfredo Colombo, diretor da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação, conseguiu desobrigar a aplicação do superado método.

A “mola propulsora” deste método foi a conquista do Tricampeonato Mundial de Futebol pela Seleção Brasileira na década de 1970. O esporte vira então uma espécie de bandeira nacional, um alicerce político, fazendo de atletas, técnicos e professores massa de manobra na sociedade. Inicia-se então a busca do herói nacional em todas as outras modalidades, afim de fazer do Brasil uma potência olímpica, algo que até hoje nunca aconteceu.

A década de 1980 foi um marco no ensino da educação física no Brasil. Esta disciplina que até então privilegiava o talento esportivo, o mais alto, o mais rápido e o mais forte, voltou seus olhos para as séries iniciais da escola. Foi um período marcado pelo advento da Psicomotricidade, o que gerou uma verdadeira crise de identidade na Educação Física. Na opinião de Soares (1996, p. 09.) a educação física perde sua especificidade.

Na década de 1990 talvez tenha sido a década da Educação Física, a começar pela nova LDB em 1996. O lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais e a lei 9696/98 que regulamenta a profissão e cria o Sistema Confef/Cref, além da inclusão da mesma no bloco das Ciências da Saúde. As aulas de Educação Física passaram então a representar, segundo o Coletivo de Autores (1992, p.62), um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social.

Atualmente o que se percebe é um caminhar desta disciplina para um campo cada vez mais científico. Os estudos voltados para esta área do conhecimento tem crescido bastante, e o que se espera é que esta evolução alcance também as escolas. Afinal, como bem disse Betti (1995, p. 166), os alunos realmente não desejam que todas as coisas sejam fáceis. O desafio de algo difícil, mas realizável é almejado por eles. Afirmam que querem aprender melhor, que quanto mais aprenderem, melhor a aula se tornará.

CONTEÚDOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

São os parâmetros curriculares que determinam o bloco de conteúdos pertinentes ao ensino da educação física, porém não existe uma clareza quanto ao que deve ser ensinado. Em seu texto o PCN de Educação Física apresenta os conteúdos organizados em três blocos que são: Bloco I, Conhecimento do corpo; Bloco II, Esportes, jogos, lutas e ginásticas; Bloco III, Atividades rítmicas e expressivas.

Os três blocos articulam-se entre si, tem vários conteúdos em comum, mas guardam especificidades. O bloco Conhecimentos sobre o corpo tem conteúdos que estão incluídos nos demais, mas que também podem ser abordados e tratados em separado. Os outros dois guardam características próprias e mais específicas, mas também têm interseções e fazem articulações entre si. (BRASIL/PCN, 1998, p. 68)

Além dos blocos de conteúdos são apresentadas como tendências pedagógicas a abordagem psicomotora na qual o conteúdo predominantemente esportivo é substituído por um conjunto de meios para a reabilitação, readaptação e integração que valoriza a aquisição do esquema motor, da lateralidade e da coordenação viso-motora. A abordagem construtivista busca a construção do conhecimento a partir das interações da pessoa com o mundo. A abordagem crítica passou a questionar as atitudes alienantes da educação física na escola, sugerindo que os conteúdos selecionados para a aula devem propiciar uma melhor leitura da realidade pelos alunos e possibilitar, assim, sua inserção transformadora nessa realidade, e a abordagem desenvolvimentista a qual entende que a educação física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido pela interação entre o aumento da variação e a complexidade dos movimentos. Nesse sentido,

Essas quatro abordagens se desdobram em novas propostas pedagógicas. Nesse contexto, surge uma nova ordem nas propostas da atual Lei de Diretrizes e Bases, orientando para que a educação física se integre na proposta pedagógica da escola. Essa nova ordem dá autonomia para se construir uma nova proposta, passando para a escola e para o professor a responsabilidade da adaptação da ação educativa escolar. (BRUN, 2012, p. 02)

Observa-se então que não há uma clareza sobre o que deve ser ensinado nas aulas de Educação Física, pois ao contrário do que acontece com as demais disciplinas, a educação física

não tem o suporte de um livro didático, os quais trazem um roteiro que norteia e estabelece uma base nacional comum de conteúdos.

Logo, se um aluno sai do Rio Grande do Sul no oitavo ano para estudar em Roraima ele continuará estudando o corpo humano e tendo como conteúdo as células e os tecidos nas aulas de ciências, por exemplo. Por outro lado, se nas aulas de educação física o conteúdo desenvolvido na escola anterior era o Xadrez, não há nenhuma certeza que na nova escola este mesmo conteúdo será desenvolvido.

Ficamos ainda com as dúvidas sobre o que é Educação Física, o que se ensina, por que se ensina e como se ensina, e o que se percebe com isso é que o ensino desta disciplina está sujeito a competência do profissional que leciona, as condições estruturais e de materiais que a escola oferece, do interesse dos alunos, suas vivências e de muitos outros fatores.

AVALIAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O ato de avaliar possivelmente é a atividade mais complexa no contexto da intervenção profissional docente. Segundo Luckesi (1994, p.174) a avaliação da aprendizagem na escola tem dois objetivos: auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo de ensino-aprendizagem, e responder à sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado. Logo o que podemos concluir com esta afirmação é que a quantificação do conhecimento não deve sobrepor a qualificação do aprendiz.

Quando os alunos são avaliados e lhes é atribuída uma nota, o que de fato diferencia um aluno “5,0” para um aluno “4,9”? E ainda, em realidades diferentes, o mesmo aluno “5,0” pode ser aprovado, se a média for esta, porém será reprovado em uma escola onde a média é “7,0”. Talvez por isso seja comum alguns pais transferirem seus filhos no último bimestre de uma escola para outra com média inferior, a fim de evitar a sua reprovação.

Tanto os professores das disciplinas que tradicionalmente tem a obrigatoriedade de atribuir notas aos alunos, quanto aqueles profissionais que não fazem esta mensuração,

geralmente se colocam em xeque durante o ato de avaliar. No caso da Educação Física não é diferente. Para Silva (2010, p. 71)

[...] a avaliação do ensino e da aprendizagem em Educação Física deve ter um caráter participativo, através de uma ação contínua, priorizando os aspectos qualitativos e quantitativos abordados no processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, promovendo esforço criativo e crítico nos alunos, de forma que possam superar os conflitos que ocorrem no cotidiano da prática pedagógica.

Houve o tempo em que a técnica e a habilidade dominavam as aulas de educação física e o objetivo de todo professor era puramente a formação de equipes campeãs, no entanto, esta prática infelizmente ainda se faz presente nos dias de hoje, é o que nos mostra Silva (2010, p. 72)

O professor de Educação Física passa boa parte de suas aulas procurando novos talentos desportivos, ou treinando os que já apresentaram destaque nos anos anteriores, treinando uma seleção para participar de torneios inter-classes, ou disputas que possam assegurar mais um troféu no final de um campeonato. O professor assegura que a prática desportiva é um elemento altamente motivador, porque não é só o time da escola que jogou que vibra no final de cada campeonato onde obtiveram bons resultados, mas toda a escola.

Dentro do atual contexto, considerando todos os avanços alcançados pela Educação Física enquanto área do conhecimento espera-se dentro do âmbito escolar que estes profissionais se apropriem de métodos modernos e eficientes que contemplem os processos de ensino e de aprendizagem e que torne possível uma avaliação participativa, pois conforme nos mostra Silva (2010, p. 72) [...] é possível realizar uma avaliação participativa embasada na prática docente e no processo de ensino e aprendizagem como um todo. Nesse caso a participação dos alunos na elaboração das propostas avaliativas é fundamental.

Reafirmando, Luckesi (1992, p.125) nos mostra que a avaliação é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto. Logo, fica evidente a importância da participação dos alunos no desenvolver das aulas. Promovendo o que Hoffmann (1995, p. 58) define como ação provocativa do professor, desafiando o educando a refletir sobre as situações vividas, a formular e reformular hipóteses, encaminhando-se a um saber enriquecido.

Entre as diferentes modalidades de avaliação destacamos a avaliação diagnóstica, a qual segundo Sant'ana (1995, p.33) busca detectar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem.

Temos também a avaliação formativa que no entendimento de Perrenoud (1999, p. 15) é necessariamente acompanhada de uma intervenção diferenciada, com o que isso supõe em termos de meios de ensino, de organização dos horários, de organização do grupo aula, até mesmo transformações radicais nas estruturas escolares.

Por fim temos ainda a avaliação somativa, que Peric & Silva (2009, p. 34) nos mostra que [...] como próprio nome diz é efetuada no final do processo de ensino aprendizagem e tem a função classificatória, isto é, classifica os alunos no final de um período letivo, segundo níveis de aproveitamento apresentados.

Nas aulas de educação física espera-se que além das valências físicas e habilidades motoras, também seja alvo da avaliação, os aspectos relacionados a capacidade socioafetiva, a socialização do aluno, o companheirismo e a capacidade de trabalhar em grupo. Diante desta proposta acreditamos que o mais adequado seria que os professores, não apenas os de Educação Física, adotassem a avaliação contínua, conforme determina o Art. 24º Inciso V que diz em sua redação:

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

Vale destacar que em nenhum momento mencionamos que se trata de tarefa fácil. Reconhecemos que avaliar diariamente é uma tarefa muito complexa, no entanto, acreditamos também que este procedimento pode ser o mais vantajoso, pois permite ao professor acompanhar todo o desenvolvimento dos seus alunos, afinal, ao fazer esse acompanhamento, terá de anotar todas as observações feitas sobre cada turma, promovendo neste processo uma avaliação participativa, a qual:

Não admite um foco somativo, ancorada em notas e conceitos que tem como meta aprovar ou reprovar os alunos. Isto não quer dizer que o professor não deva avaliar seus alunos, mas que ela deva recorrer a diferentes técnicas e instrumentos de medida/avaliação, que possam transmitir-lhe informações, um “feedback”, que lhe possibilitem verificar como seus alunos assimilaram os conhecimentos e habilidades propostos como componente curricular de Educação Física, com resultados que sirvam de base para tomadas de decisões que proporcionem resultados positivos em todo o processo de ensino e aprendizagem. (SILVA, p. 72)

Afinal Libâneo (1994, p. 198) diz que o professor não deverá tomar a avaliação unicamente como ato de atribuir notas e classificar os alunos, nem usá-la como instrumento de controle, deste modo acreditamos que a função da avaliação, conforme palavras de Perrenoud (1999, p. 165) não é “fazer como se” cada um houvesse aprendido, mas permitir a cada um aprender.

MÉTODO DE PESQUISA

O presente estudo caracteriza-se pela investigação exploratória, a qual segundo Gil (2002, p. 41) tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Faremos, portanto uma abordagem qualitativa adotando primeiro o método descritivo-analítico pautado em uma revisão bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2002, p. 44).

O segundo método adotado foi o estatístico-descritivo por meio da aplicação de uma pesquisa de campo, que segundo Gil (2002, p. 53) focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana.

Para tanto foi definido como universo de pesquisa duas escolas da cidade de Boa Vista-RR, sendo uma destas da rede pública estadual e a segunda escola da rede particular. Os sujeitos entrevistados foram divididos em dois públicos.

O primeiro deles representado por sessenta alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental de ambas as escolas (trinta alunos da escola pública e trinta da escola particular).

O segundo público foi representado por seis professores de educação física das respectivas escolas (três da rede pública e três da rede particular).

Em ambas as escolas os questionários foram entregues aos professores para que os mesmos devolvessem posteriormente conforme anexo, enquanto que para os alunos o questionário foi entregue e respondido logo em seguida. É importante destacar que o questionário respondido pelos alunos não foi feito no horário da aula de educação física, a fim de evitar uma possível pressa para responder as perguntas e enfim saírem da sala de aula para o ginásio.

O questionário aplicado aos alunos apresentava cinco questões, sendo quatro abertas e uma questão com opções fechadas, porém com a necessidade de justificativa. O questionário aplicado para os professores apresentava oito questões fechadas com justificativa.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa de campo foi realizada aplicada com sessenta discentes do 6º ao 9º Ano do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Boa Vista, sendo uma da rede pública estadual de ensino e a outra escola da rede particular, nos mostrou que ao serem indagados como você define Educação Física? Todos os alunos de um modo ou de outro relacionaram diretamente educação física com esporte. Outra relação relevante foi a seguinte expressão que se repetiu na resposta de diferentes alunos: “exercícios físicos que ajudam na nossa saúde”. Além das repostas únicas como por exemplo: “diversão”; “brincadeira”; “jogar bola” e “lazer”.

Na segunda pergunta do questionário os alunos foram indagados sobre o que eles aprendem nas aulas de educação física. Para 15% dos alunos não se aprende nada nas aulas de educação física. Outros 10% afirmaram que aprendem sobre o corpo humano; 25% diziam que aprenderam sobre os benefícios da atividade física para a saúde e 50% acreditam que aprendem a praticar esportes. Vale destacar que nesta questão alguns alunos indicaram mais de um aprendizado. Outros conhecimentos foram também sugeridos, porém de forma isolada, como por exemplo: a dança, a luta e as brincadeiras populares.

Os alunos também foram questionados sobre as aulas teóricas de educação física. 30% deles afirmou que não tem aulas teóricas, mas que gostariam de ter. Outros 40% não aprovam as aulas teóricas, pois acreditam que o que é ensinado não serve para eles. Outros disseram que já escrevem muito nas outras aulas e que a educação física deve ser um momento para relaxar. Os outros 30% são a favor destas aulas, pois para eles é muito importante realizar pesquisas que os ensinam mais sobre esportes, corpo humano, saúde e qualidade de vida.

Além disto, os alunos afirmam que nas aulas de educação física eles podem tratar de assuntos que, segundo eles, em outras aulas não seria possível, como, por exemplo, falar sobre uso de anabolizantes e outras drogas, falar sobre preferências musicais e estilos de dança e poder debater assuntos que despertam o interesse e a curiosidade.

“De que forma você participa das aulas de educação física?” Esta foi a penúltima questão respondida pelos alunos e 20% dos alunos dizem que nas aulas de educação física sempre se sentam na arquibancada para ver seus colegas jogando, ao mesmo tempo em que ouvem música ao celular e/ou conversam com outros colegas e o professor. Outros 30% dizem que sempre jogam bola. 50% afirmam que, quando o professor está orientando as aulas eles participam das atividades, mas quando o professor deixa os alunos livres, preferem ficar conversando na arquibancada, pois nenhuma das opções de atividade agrada a eles.

Apenas a quinta e última questão apresentava opções fechadas de respostas, porém era necessário fazer uma justificativa. Nela foi perguntado aos alunos, em sua opinião, como as aulas de educação física deveriam ser trabalhadas? Para 50%, as aulas de educação física deveriam ser exclusivamente livres para que os alunos possam ter um momento na escola para poder escolher o que fazer mesmo que seja ficar sem fazer nada, ou praticar um esporte do seu interesse e até mesmo ouvir música ou jogar vídeo game. Um grupo de 25% destes alunos acredita que as aulas devem ser práticas com a orientação do professor, para que este possa ensinar os alunos como praticar os esportes de forma correta, além de ensinar dança, artes marciais e outras atividades físicas interessantes. Os outros 25% gostariam que as aulas fossem teóricas e práticas, para que os alunos pudessem aprender mais sobre alguns assuntos mais

interessantes e aprender a cuidar melhor da saúde e para que o professor ensine diferentes formas de atividade física, ao mesmo tempo os alunos defendem que existam algumas “aulas livres” para poder escolher o que querem fazer.

Ainda foi aplicado outro questionário com perguntas abertas e fechadas a seis docentes de educação física das respectivas escolas. Ao serem indagados se costumam trabalhar conteúdos teóricos nas aulas de educação física, três destes professores afirmam que não: Um destes porque não acredita que é importante, os outros dois defende que o aluno já passa muito tempo na sala e que a educação física é o momento de lazer para o aluno. Os três professores que responderam sim a esta indagação justificaram suas respostas de maneira bem distintas. O primeiro, afirma que trabalha com aulas teóricas, a fim de enriquecer o conhecimento sobre os esportes e facilitar a compreensão das regras. O segundo professor diz fazer uso das aulas teóricas para estimular a pesquisa e a produção dos alunos por meio de conteúdos relacionados direta e indiretamente à educação física. Já o terceiro professor justifica as aulas teóricas pelas limitações de recursos materiais que este dispõe para trabalhar na prática.

As questões dois, três, quatro e cinco foram respondidas apenas pelos três professores que trabalham com aulas teóricas. A segunda questão indagava os professores quanto à aceitação das aulas teóricas. Um dos professores define como regular, enquanto os outros dois entendem que é boa a aceitação dos alunos.

Na terceira questão, um professor afirma que trabalha uma parte teórica e outra prática relacionada com a teoria. O segundo professor costuma trabalhar uma aula teórica e uma aula prática, enquanto o terceiro professor trabalha o primeiro momento teórico, mas, no segundo momento, os alunos ficam livres para fazer a prática no ginásio.

Na quarta questão os três professores foram unânimes em afirmar que as aulas teóricas funcionam melhor quando teoria é associada com prática.

A quinta questão indagou quais as metodologias adotadas nas aulas teóricas, nesta os professores podiam marcar mais de uma opção. A transmissão direta do conteúdo foi marcada uma vez. O estudo dirigido foi marcado duas vezes. A cópia foi marcada três vezes. O debate,

o seminário e a pesquisa foram marcados três vezes e os trabalhos em sala apenas uma vez. Não surgiram outras formas de trabalho indicadas pelos professores.

A partir da sexta foi marcada pelos seis professores indicaram suas respostas. A questão seis dizia: Quais os tipos de avaliação que você adota nas suas aulas de Educação Física? Dois professores marcaram a opção: “Os alunos não são avaliados” e três professores marcaram a opção: “Avaliação Formativa”. O sexto professor marcou mais de uma opção, informando que realiza avaliação diagnóstica, formativa e somativa. Nenhum professor apontou outro tipo de avaliação.

A sétima questão foi marcada apenas por quatro professores, e perguntava: Quais os instrumentos de avaliação são aplicados aos alunos? O primeiro marcou a opção “trabalhos”; outros dois marcaram “trabalhos” e “observação direta”. O quarto professor marcou quatro opções “trabalho”; “seminário”; “prova” e “relatório”.

A oitava e última questão, também marcada por quatro professores perguntou: Quais são os critérios de avaliação? Nesta os quatro professores optaram pelas seguintes opções: “conduta”; “valores”; “respeito” e “participação”, ao mesmo tempo que divergiram em outras. Um dos professores além das opções citadas anteriormente também marcou a opção “afetividade” e outro professor a opção “domínio dos conteúdos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo nos mostra que o ensino da educação física nas escolas sofreu diferentes tipos de influências, tendo sido inclusive utilizada como massa de manobra dos aparelhos ideológicos do Estado. Em meio à sua evolução a educação física vem passando por diferentes etapas, enfrentando crises de identidade, desvalorização e ao mesmo reconhecimento e status de profissão regulamentada e ciência da saúde.

A pesquisa de campo aplicada aos alunos nos revela que na visão de muitos dos alunos a educação física é ainda uma disciplina relacionada unicamente com a prática esportiva, no entanto, a percepção de outros alunos mostra que esta disciplina, além dos esportes, envolve

também conhecimentos relacionados a saúde, qualidade de vida e outros temas ligados direta ou indiretamente a cultura corporal de movimento. Ao mesmo tempo fica claro que os alunos criam expectativas quanto às aulas de educação física e estes esperam aprender algo significativo nestas aulas, seja por meio de aulas teórica e também por aulas práticas, porém muitas vezes se frustram e talvez por isso aos poucos vão perdendo o interesse pelas aulas.

As respostas obtidas com os professores, embora em um número pequeno, nos mostra basicamente dois perfis de profissionais. O primeiro destes puramente práticos, representados pelos professores que afirmam não trabalharem com aulas teóricas. E o segundo perfil, que por motivos diferentes e com métodos bem específicos mesclam as aulas de educação física entre teoria e prática. Uma dificuldade evidenciada é que nem sempre esta teoria trabalhada em sala tem conexão com a prática desenvolvida no ginásio, embora os professores admitam que o ideal e mais eficiente fosse conciliar ambas as situações, assim a teoria daria sentido a prática e vice-versa.

Neste instante me reporto a uma frase de autor desconhecido a qual diz que, teoria é quando tudo se sabe, mas nada funciona. Prática é quando tudo funciona, mas não se sabe por que. Na educação física teoria uni-se à prática, tudo funciona e nós sabemos por que. Acredito que as respostas para todas as indagações que permeiam a atividade docente da educação física, bem como as soluções para os problemas enfrentados por professores e alunos nas escolas não está apenas em pesquisas, artigos e livros, mas principalmente serão encontradas no próprio cotidiano escolar. Será por meio da práxis que professores de educação física poderão auto-avaliar as aulas de educação física identificando os aspectos positivos e principalmente investigando os fatores que contribuem para que algo não funcione adequadamente.

É muito importante neste processo ouvir os alunos, saber o que eles pensam sobre as aulas, quais as expectativas, seus preconceitos e ilusões com esta aula. Afinal não podemos esquecer que a aula é elaborada para eles, os objetivos propostos são as nossas expectativas quanto ao que o aluno poderá desenvolver ao longo do processo. E se essas habilidades e competências não são alcançadas pelo aluno cabe a avaliação, não apenas do aluno, mas

também dos processos pedagógicos de ensino e aprendizagem, e por que não permitir que os próprios alunos avaliem também as aulas, o professor, o conteúdo ensinado e as atividades propostas?

Enfim, percebo que tratar do tema educação física é inesgotável, a cada dia surgem fatos novos que interferem nesta temática. Recentemente, enquanto tabulava os dados desta pesquisa fui surpreendido com a demissão de vários colegas professores da rede municipal de ensino. Ao investigar os motivos que motivaram essa demissão em massa me deparei com a Resolução CNE/CEB n.07 14/12/2010, a qual fixa as Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental de 9 anos, e o que me chama a atenção é o artigo 31 o qual diz que, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes.

Surge então mais um capítulo na longa história da educação física escolar, e finalizo este estudo com mais dúvidas de que quando iniciei. Gostaria então de finalizar com algumas questões de reflexão: Quem está mais bem preparado para lecionar língua portuguesa, o professor de Matemática ou o de História? Nenhum dos dois, afinal é o licenciado em letras que estuda pesquisa e se prepara para tal função. E o pedagogo é o mais indicado para lecionar educação física?

REFERÊNCIAS

BERNARDI, Ana Paula & KRUG, Hugo Norberto. Saberes docentes e a organização didáticopedagógica da educação física na educação Infantil. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v.7 n.2, p. 85-101, 2008.

BETTI, I.C.R. Educação física escolar: a percepção discente. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.16, n.3, p.158-67, 1995.

BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

Norte Científico

Periódico de divulgação científica do IFRR

BRAGA, P.H.A. Aulas de Educação Física no CRAS Dr. Coimbra Filho de Campo Grande, MS: discutindo saberes e intervenções na prática social. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, N° 152, Enero de 2011. Disponível em:

<<http://www.efdeportes.com/efd152/aulas-de-educacao-fisica-no-cras.htm>>. Último acesso em 23 de Maio de 2012 às 15:00h.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996

BRASIL. Lei nº 9.696, de 01 de setembro de 1998

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais; Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010.

BRUN, Gilson. Desenvolvendo a Identidade. Disponível em:

<http://www.aprendebrasil.com.br/educacao_fisica/educadores/educadores_imprimir.asp?strTitulo=Desenvolvendo%20a%20identidade>. Último acesso em 24/05/2012 às 15h 27min.

CATUNDA, Antonio Ricardo. Educação Física Escolar: O que Queremos? Obrigatoriedade ou Legitimidade? Ministros Confirmam a Obrigatoriedade da Educação Física Escolar. Jornal do CONFEF. Órgão de Divulgação do Conselho Federal de Educação Física. N° 06. Pág. 03. Janeiro/Fevereiro de 2001.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo, Cortez, 1992.

CUNHA, Ricardo Corrêa. Teoria na Educação Física: considerações sobre um grande mito, 2009. Disponível em:

<http://blog.aprendebrasil.com.br/educacao_fisica/2009/02/19/p74028>. Último acesso em 10 de Abril de 2011 às 21h35min.

CUNHA, Ricardo Corrêa. Mas, afinal, o que é Educação Física? 2009. Disponível em:

<http://blog.educacional.com.br/educacao_fisica/2009/02/19/p74000>. Último acesso em 10 de Abril de 2011 às 22h07min.

HOFFMANN, Jussara. M.L., Avaliação mediadora. Uma prática em construção da pré-escola à universidade. Educação e Realidade, Porto Alegre, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

Norte Científico

Periódico de divulgação científica do IFRR

LUCKESI, C. C. Avaliação na Escola: articulação e necessária determinação ideológica. Série Idéias, n. 15, p. 115-125. São Paulo: FDE, 1992.

LUCKESI, C. C. Avaliação da Aprendizagem Escolar. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MORIN, E. O enigma do homem: para uma nova antropologia. Trad. de Fernando de Castro Ferro. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

OLIVEIRA, Vítor Marinho de. O que é Educação Física. São Paulo: Brasiliense, 11 ed, 2004.

PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Tradução Patrícia Chittoni Ramos - Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERIC, R.B.A. & SILVA, G.W. Avaliação na aula de educação física: entre a teoria e a prática. Revista Interfaces: ensino, pesquisa e extensão. Ano 1, Nº 01, p. 33-35. Faculdade Unida de Suzano - UNISUZ: 2009.

SANT'ANNA, Ilza Martins. Por que Avaliar: Como Avaliar? : critérios e instrumentos. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SILVA, J.F. Métodos de avaliação de educação física no ensino fundamental. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 8, n. 1 , p. 54-76, jan./abr. 2010.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – n. 2 – 1996.